

O DIABO NO IMAGINÁRIO PENTECOSTAL

Me. Jean Veríssimo¹

RESUMO

A guerra santa que as Igrejas pentecostais realizam diariamente contra o diabo e os demônios é um dos pontos centrais das mesmas. Nesse trabalho discuto historicamente o imaginário do diabo na cultura ocidental, busco definir o termo pentecostalismo e logo em seguida trabalho com a hipótese que os demônios estão presentes nas Igrejas Pentecostais para satisfazer o imaginário popular. Nessa hipótese os demônios são sempre vencidos, assim seus adjetivos são expulsos, vencidos, e os de Deus ou Jesus prevalecem. Mas tudo isso ocorre nas Igrejas, essas passam a representar o sagrado para os fiéis.

ABSTRACT

The holy war that Pentecostal churches perform daily against the devil and demons is one of the central points of the same. In this paper I discuss the historical imagery of the devil in Western culture, I seek to define the term Pentecostalism and then immediately work with the hypothesis that the demons are present in the Pentecostal Churches to meet the popular imagination. In this case the demons are always losers, so your adjectives are expelled, defeated, and the precedence of God or Jesus. But all this takes place in churches, these will represent the sacred to the faithful.

Keywords: Pentecostalism, imaginary devil spokespeople.

1 O DIABO

Cada cultura, sociedade, possui seu imaginário, e nas sociedades complexas cada nível da mesma diferencia o imaginário. A iconografia, o escrito (obra produzida por autor ou autores), monumentos e em última instância a tradição oral e das

¹ Mestre em História – Acadêmico do Curso de Direito do Aphoniano

práticas atuais, constituem o material, testemunho do imaginário que o historiador utiliza para seu estudo (Le Goff, 1998, p. 293).

O imaginário forma, constitui a ligação de qualquer representação humana. O sonho, o onírico, rito, mito, narrativa da imaginação formam a estrutura do imaginário numa determinada cultura (Durand, 2004, p. 87).

O imaginário não é o real, porém esse modifica o imaginário e este por sua vez possibilita sentido, significado, valores, para o real.

O imaginário opera, portanto, em dois registros: o da paráfrase, a repetição do mesmo sob outro invólucro; e o da polissemia, na criação de novos sentidos, de um deslocamento de perspectivas que permite a implantação de novas práticas. Assim, o imaginário, em suas duas vertentes, reforça os sistemas vigentes/instituídos e ao mesmo tempo atua como poderosa corrente transformadora. {...} o imaginário formula o real e pelo real é trabalhado, num constante movimento de circularidade (Swain, 1993, p. 52).

Todos já falaram, ou já ouviram falar desse personagem do imaginário da cultura ocidental², muitos acreditam nele com grande intensidade, outros dizem que não existe, mas de onde veio essa idéia? Como a representação do diabo veio sendo construída pelo imaginário? E você, ou como seu imaginário representa o diabo?

Essas questões ou problemas serão a primeira parte do trabalho, logo em seguida defino o que é pentecostais para então entrarmos no imaginário pentecostal. Para isso limitei-me as obras literárias escritas por Macedo (Orixás, Caboclos e Guias) e Soares (Espiritismo: A magia do engano).

Porém trabalho com um problema que norteará toda a pesquisa. O diabo é derrotado nas Igrejas pentecostais nos seus rituais. Porque ele sempre volta?

Eu escolhi começar com a “identidade”, os nomes, de onde vieram essas denominações, diabo, Lúcifer, demônio, satã, etc.

O termo Lúcifer (esse era um príncipe da Macedônia) foi pela primeira vez associado com o diabo, nos escritos de Orígenes, porém com santo Agostinho que a

² A filosofia grega, leis romanas e tradição judaica-cristã formam a estrutura da cultura ocidental.

ligação teve mais consistência (Link, 1998, p. 18). O termo Satã (Satan) é uma palavra de origem hebraica que significa simplesmente adversário, e não é a mesma coisa que diabo, quando Satan foi traduzido para o grego pelos cristãos esse termo foi confundido com diabolos (séc. I d. C.).

Outro termo associado com diabo é demônio, na Grécia clássica demônio (dáimon) designava todo espírito intermediário entre os deuses e o homem, todos tinham um dáimon, porém no séc. II e III em meio o helenismo o termo dáimon foi interpretado como um espírito perverso fazendo uma ligação: deuses pagãos = demônios maus = diabo (Link, 1998, p. 25).

Outra fonte para a construção do imaginário do diabo que muito foi e é usada, é a bíblia, tanto no primeiro como no segundo testamento.

Os hebreus na construção do monoteísmo consideravam todos os outros deuses (de outras nações) como demônios, seres que deveriam ser combatidos e que eram a causa do mal, todos os deuses potencialmente adversários, passaram a fazer parte integrante da corte demoníaca, “ pois todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor é o criador dos céus (Salmos 95:5)” (Nogueira, 2000, p. 14).

No cristianismo originários (os quatro primeiros séculos da era cristã), criou-se o imaginário que Deus havia expulsado sua melhor criação do paraíso, este era identificado como o anjo caído. O motivo da expulsão que prevaleceu foi o orgulho, porém, esse não era o motivo, e sim a luxúria, pois, alguns anjos tiveram relações sexuais com as filhas dos homens, dessas relações nasceram os demônios. “O pecado do diabo, portanto, não foi o orgulho. O pecado do Diabo foi a luxúria. demônios e diabos foram criação da união sexual entre anjos lúbricos e mulheres (Link, 1998, p. 35).

Essa queda foi interpretada como uma das idéias centrais do cristianismo, onde o homem também foi expulso do paraíso (Adão e Eva) pela ação do diabo, o homem acompanha o diabo (Nogueira, 2000, p. 28-31).

As mulheres estão muito ligadas ao diabo, no imaginário da cultura ocidental.

Nas iconografias, o diabo é representado na maioria das vezes de aparência ou cor preta e nu, como uma criatura que não participa da vida civilizada (Link, 1996, p. 63-68).

Nos séculos XIII – XVI, o diabo era representado na iconografia, literatura e teatro, como um ser lúdico, cheio de emoções e muito próximo do homem, nos pactos que fazia, era enganado pelos humanos e outras vezes, pela intervenção de Maria seu pacto era anulado (Munchembled, 2001, p. 25-45).

No Período das Reformas (séc. XVI e XVII) o diabo no imaginário passou a ser representado com um ser todo poderoso, com poderes tão e às vezes maior que os de Deus ou um instrumento de vingança do mesmo, Lutero, Calvino, Cismas religiosos, deram ao diabo grande ação.

“Em terras protestantes, em que reinava o servil arbítrio de Lutero ou a predestinação calvinista, bem como no mundo da Contra Reforma católica o ser humano parecia bem pequeno, bem fraco diante do poder desencadeado de Satã, mensageiro de uma divindade impiedosa. A visão do universo tornava-se, por toda parte trágica e dolorosa” (Munchembled, 2001, p. 153).

Lutero garante: “Somos prisioneiros do diabo como de nosso príncipe e deus”. Ele diz ainda: “Somos, corpos e sujeitos ao diabo, e estrangeiros, hóspedes, no mundo no qual o diabo é o príncipe e o deus. O pão que comemos, a bebida que bebemos, as roupas que usamos, ainda mais o ar que respiramos e tudo o que pertence à nossa vida na carne é portanto seu império (Delumeau, 2002, p. 151).

Leão I descreve os quatro componentes da molécula do Kabo: magia negra, judeus, hereges, pagãos. Todos eles vêm do Diabo e a ele pertencem... Em 1975, líderes iranianos seguiram os passos de Leão I, entoando junto com manifestantes “América é Satã”. E em 1982, falando sobre a União Soviética, o presidente dos Estados Unidos alertou o mundo acerca do “império do mal”. Se o papa Leão I a Ronald Reagan, o Diabo é um modo de macular qualquer um que discorde dos que estão no poder. Mas se o Diabo às vezes é meramente um expediente retórico, isto não significa que o mal o seja... o Diabo torna-se uma justificativa

para o verdadeiro mal por parte de quem emprega esse expediente (Link, 1998, p. 70).

Aphonline.:Trindade – GO,v.3,n.1,p.43-55,jan-dez.2013

O diabo não é uma representação construída só pela elite, suas representações no imaginário é uma junção da cultura erudita com a popular (Ginzburg, 1998, p. 15-34).

Na cultura popular (Idade Media) o diabo era representado com um corpo deformado, isso devido a um ferimento que recebeu quando foi expulso do céu, e em outras ocasiões ele era retrato como uma mosca ou com formado de animais (Nogueira, 2000, p. 68-69).

No séc. XIX o diabo foi identificado como o deus dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos, assim como o diabo, esses são excluídos da sociedade ou do 'paraíso' (Munchembled, 2001, p. 154).

No séc. XX o diabo foi incorporado nos quadrinhos e nos filmes, vampiros, máquinas que destroem e dominam o ser humano, etc. Na psicologia o diabo é individualizado, todos carregam o seu, uma onda na cultura ocidental pelo prazer, pela liberdade, faz com que cada vez mais o culto ou recusa do diabo tenha espaço (Munchembled, 2001, p. 289).

Surge a primeira igreja que adora Satã, esse não é visto como inimigo de Deus, mas como forças ocultas da natureza, “nossas forças psicológicas interiores cela livre admissão e aceitação de nossas paixões. Os sete pecados capitais do cristianismo, nesse sentido, devem ser encorajados pois, são virtudes que levam à consumação de nossos desejos” (Nogueira, 2000, p. 112).

Então a origem do diabo esta na tradição judaico-cristã? Não, essa tradição herdou do Zoroastrismo a dualidade, bem contra o mal, o imaginário do apocalipse e nela teve e tem características próprias (Cohn, 2001, p. 153-294).

O diabo é meramente o outro, e serve de pretexto ou justificativa para qualquer ação ou reação. Mas para o pentecostais o diabo é o outro simplesmente?

No pentecostalismo como o imaginário do diabo vai ser utilizado? Ou melhor o que é o diabo no imaginário pentecostal? Mas quem são os pentecostais?

2 PENTECONSTAIS

Numa posição mais geral Armstrong (2001, p. 208-211, 395) afirma que o pentecostalismo nasceu nos EUA no início do séc. XX, tinha a priori características da caridade, e ações extraordinárias (falar em línguas, sentir o corpo levitar, risos e choros espontâneos, luzes saindo do corpo...), porém em poucas décadas espalhou por dezenas de países e se consolidou com características “pós – moderna” e fundamentalista³.

O pentecostalismo no Brasil é uma nova forma de calvinismo (neo-calvinismo), surgiu no meio urbano industrializado, a camada popular constitui a maioria dos clientes dessas Igrejas e “possui uma estrutura hierárquica complexa, sustentando um sistema de crenças que acentua a conversão e desenvolve uma batalha constante contra Satanás e seus trabalhos” (Fry⁴, 1982, p. 35.)

No Brasil segundo Freston (1996, p. 70, 71) o pentecostalismo pode ser representadas em três ondas; primeira onda: década de 1910 com a Congregação Cristã(1910) e Assembléia de Deus(1911), segunda onda: décadas de 1950, 1960, Quadrangular(1951), Brasil para Cristo(1955), Deus é Amor(1962) e a terceira onda: décadas de 1970 e 1980 Igreja Universal do Reino de Deus(1977), Igreja Internacional da Graça de Deus(1980).

Não pretendo discutir cada onda, ou como o diabo é imaginado em cada Igreja pentecostal, mas o diabo no imaginário pentecostal, para isso vou limitar nas obras de alguns porta vozes⁵ (Macedo, Soares e Itioka) do pentecostalismo.

³ Caracterizam os mitos como categorias racionais e científicas, absolutos, sem discussão sobre seus valores.

⁴ discute no seu escrito *Para Inglês Ver*, o crescimento da Umbanda e Pentecostalismo no Brasil

⁵ “agentes e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas ou de discursos a uma categoria particular de necessidades próprias a grupos sociais determinados.”(Bourdieu, 2003, p. 79)

3 PENTENCOSTAIS E OS PORTA –VOZES NA GUERRA SANTA

Itioka como porta voz dos evangélicos como ela se denomina em sua obra *Os deuses da umbanda*, tem a finalidade de alertar sobre o perigo da umbanda nas escolas e universidades em todo o Brasil.

O diabo além de ser o outro, emita, cópia as obras de Deus, por não ser criador, assim busca enganar muitos. A umbanda baseia no kardecismo, e contém uma fachada católica, mas tudo não passa de imitação de Jesus (Itioka, 1988, p. 121, 122).

O nome de Jesus é usado constantemente nos terreiros de Umbanda, segundo Itioka (1988, p. 122), mas ela coloca uma discussão se esse Jesus é o mesmo que viveu na palestina, o mesmo que nasceu de Maria, se é o Salvador, o que curou e expulsou demônios se é filho do criador, seria ele o Oxalá?

“Na realidade, quando se invoca o nome e Jesus na Umbanda, invoca-se o nome de uma pessoa muito diferente daquele que se revela nas páginas do livro Sagrado. Podemos afirmar categoricamente que existe um espírito ou demônio que se cognomia ‘Jesus’, que se apresenta como o Cristo das Páginas Sagradas” (Itioka, 1988, p. 123).

Toda manifestação, palavra, ação que se refere a bíblia e a Jesus nos terreiros de Umbanda são vistos como a imitação da verdade e que deve ser combatida.

O espiritismo (Kardec) para Itioka (1988, p. 128, 129.) é uma doutrina que abusa da interpretação das escrituras sagradas, uma ofensa, heresia que deve ser combatida, ela nega a existência do diabo, e afirma a reencarnação, sendo essa “a maior invenção demoníaca”.

Outro problema enfrentado no combate do diabo é a maldição na linhagem da família, o demônio pode passar de um pai para um filho, da avó para o neto, de um irmão para outro, muitas vezes na hora da morte ou num momento de fraqueza.

“A transferência de espíritos pode ocorrer tanto na hora da morte da pessoa endemoninhada, como na hora da sua libertação. Os demônios não querem abandonar o lugar de descanso, que no caso é um corpo humano, qualquer que seja. Assim, tanto um cristão fraco como uma criança pode ser objeto da sua invasão” (Itioka, 1988, p. 187).

Todos esses problemas devem ser combatidos no Ministério da Libertação.

Os ex-umbandistas são pessoas que estiveram profundamente envolvidas nas práticas do ocultismo proibidas por Deus, práticas essas sujeitas à pena de morte. Eles abriram as suas vidas voluntariamente para entrar em comunicação com os demônios, o que na realidade significa pactuar-se com os espíritos para receber deles favores. O aspecto central do ritual da Umbanda é a incorporação dos espíritos. Portanto, qualquer ação feita no nível de cuidado pastoral tem de considerar cuidadosamente esta perspectiva. Muitas vezes suas casa e suas propriedades foram entregues e consagradas aos demônios e muitos deles pactuaram-se com Satanás, pedindo que não os abandonasse, prometendo também nunca o abandonar.

Falaremos do ministério da libertação, tomando em consideração este pressuposto; o envolvimento profundo com os demônios (Itioka, 1988, p. 193).

As ações para expulsar os demônios nas Igrejas segundo Itioka (1988, p. 195-215) devem fundamentar-se nos seguintes preceitos: trabalho em equipe, renunciar o demônio em nome de Jesus, confissão, destruição de amuletos objetos da umbanda, amarrar os endemoninhados, detectar os espíritos, imposição das mãos.

Os lugares onde estão infestados de demônio são os terreiros da Umbanda e nos centros espíritas.

“As casas onde se praticam as sessões da Umbanda, o espiritismo e a feitiçaria transformam-se em suas moradas. Aqui se aplica a mesma idéia de Satanás tomar posse daqueles lugares consagrados a ele e a suas hostes” (Itioka, p. 213).

O que se tem verificado mais na prática, no Brasil, são as manifestações de demônios nas igrejas. Muitas vezes a pessoa não sabe que tem demônio e vai à igreja em procura da paz de espírito, ou porque foi convidada. Ou pode acontecer de passar em frente de um templo e sentir-se atraída a entrar, sendo surpreendida quando os demônios se manifestam. Muitos caem inconscientes no meio do culto, onde algumas vezes são atendidos por uma equipe treinada. Em outros ocasiões, o culto é interrompido para atender o caso. Existem até casos, para vergonha nossa, de intervenção da polícia, porque os crentes não sabem como detectar a presença dos demônios e enfrentar a situação (Itioka, 1988, p. 194).

Como é possível os demônios manifestaram na prática nas igrejas se os lugares infestados de demônios são os terreiros da Umbanda e os centros espíritas?

Soares em sua obra, *Espiritismo a magia do engano*, propõe denunciar essa religião do engano que deve ser combatida.

O espiritismo não é uma religião cristã, pois essa não aceita cristo como Deus, mas como o homem encarnado mais evoluído que aqui na Terra viveu, e assim sendo é uma falsa religião, “a primeira sessão espírita ocorreu no Èden, onde a serpente serviu de médium, Satanás de guia e Eva de assistente” (Soares, 2003, p. 14).

O autor inicia sua guerra santa contra o espiritismo utilizando inicialmente o mito, onde ele nota a ação de satanás levando o homem e a mulher a realizarem o pecado original, e essa ação foi identificada como a primeira sessão espírita ocorrida na humanidade.

Muitas vezes o espiritismo leva à loucura, a desgraça, morte, assim “Deus, na Sua Palavra proíbe e condena terminantemente o Espiritismo sob todas as formas. No Antigo Testamento, quem se desse a tal prática seria morto:” (Soares, 2003, p. 17).

Outro problema a ser combatido no espiritismo para Soares é a questão da utilização do nome de Jesus para possibilitar uma maior autoridade a doutrina espírita, mas que não passa de uma maneira destorcida de compreender os ensinamentos verdadeiros de Jesus. “É uma tentativa delirante de procurar

equacionar os ensinamentos sublimes do Senhor Jesus Cristo de acordo com os ensinamentos demoníacos e falsos do espiritismo” (Soares, 2003, p. 33).

A pessoa que se envolve com a evolução do espiritismo se encontra num processo de constante entrega para os espíritos que podem auxiliar na evolução e desenvolvimento do individuo que participa das sessões espíritas. “Desenvolver-se no espiritismo significa tornar-se escravo do demônio” (Soares, 2003, p. 38).

O diabo como o inimigo que é a causa do mal deve ser combatido a qualquer custo, pois prejudica todos que aproximam dele, e ele de tudo faz para atrair. Segundo Soares (2003, p. 78) “O Espiritismo é a maior agência que Satanás estabeleceu neste mundo para extraviar e perder os homens.”

Macedo, que é o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, é o autor do livro *Orixás, Caboclos e Guias*, nesta obra a proposta do autor tem “desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do diabo. Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares (Macedo, 2004, p. 8).

O objetivo do diabo é afastar o homem de Deus e buscar uma morada para agir, sendo essa o corpo de alguma pessoa que voluntariamente ou não tem um ou vários demônios no corpo, estes podendo agir em partes determinadas do corpo (braço, perna, cabeça) ou dominando o corpo todo.

Segundo Macedo (2004, p. 17, 18) os orixás, caboclos, guias em sua igreja confessam ser o demônio e seu objetivo é destruir seus cavalos ou corpos que são suas moradas. A bíblia tanto no antigo testamento como no novo reprovam a ação dessas práticas.

“Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e magia, oficializadas pela umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido” (Macedo, 2004, p. 62).

Os três porta vozes que representam os pentecostais na construção intelectual, agem sobre alguns pontos em comum. Primeiro para ambos a bíblia é o centro a base para a negação das outras representações simbólicas que no

imaginário deles representa o diabo e devem ser, combatidos numa guerra santa; segundo: o demônio se revela em suas igrejas, ou confessam serem demônio em suas igrejas, apesar de que os locais infestados de demônio sejam os terreiros (candomblé e umbanda) e centros espíritas; terceiro: o espiritismo deturpou a bíblia e o sentido de Jesus; quarto: suas igrejas são a representação de Jesus na Terra e prometem que a salvação é possível mesmo para os que se envolveram com os “demônios” dentro de suas Igrejas.

O imaginário pentecostal coloca como representação do mal (demônios) as manifestações que oferecem símbolos que concorrem com suas ofertas simbólicas e uma possível maneira de olharmos essa ação da guerra santa é a tentativa desses porta vozes manterem o controle do poder simbólico.

Segundo os porta vozes discutidos acima os demônios são vencidos nas Igrejas Pentecostais. Se o demônio é vencido porque ele sempre volta?

Menezes afirma (1985, p. 106) que no imaginário popular o Diabo é representado como proximidade, trevas, maldade, escuro, preto, pobreza, covardia, traição, ódio, tentação, sedução, profundidade, interior e inferno. Já Deus é distanciamento, luz, bondade, claro, branco, riqueza, coragem, lealdade, amor, proteção, conversão, altitude, superior e céu.

A maioria dos freqüentadores das Igrejas Pentecostais advém das camadas populares⁶. Trazem com se, esse imaginário descrito acima.

Além da luta pelo domínio do poder simbólico, os demônios são combatidos quotidianamente nas Igrejas pentecostais para atender o imaginário popular.

Essa ação ocorre nas Igrejas, assim o fiel tem a necessidade de recorrer a mesma para atender seus anseios, frustrações, dúvidas.

Quotidianamente seus males são dominados, vencidos e expulsos. Essas ações descritas pelos porta vozes ultrapassa a Igreja, e entra na vida individual e social desses fiéis.

⁶ Segundo Fry (1982, p. 22- 37); olhar também obras do Mariano (1999) e Antoniazzi (1996).

O diabo e os demônios devem sempre voltar para as Igrejas, para os fiéis (populares) verem, sentirem, ouvirem que esse mal, ou males são expulsos e os de Deus vencem.

Construindo um imaginário que as Igrejas Pentecostais são o centro do sagrado⁷.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad. Hisdegarde Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800. Uma Cidade Sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Lévié. 2.ed. Rio de Janeiro: KFUL. 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

⁷ Eliade (1992, p. 27-58).

FRESTON, Paul. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

ITIOKA, Neuza. *Os Deuses da Umbanda*. São Paulo: ABU, 1990.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LINK, Luther. *O diabo: A máscara sem rosto*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* 15. ed. Rio de Janeiro, Universal: 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. – A quotidianidade do Demônio na cultura popular. *Religião e Sociedade*, Vol. 12 (2). 1985.

MOREIRA, Alberto da Silva. *Novas igrejas e movimentos religiosos: o pentecostalismo autônomo*. Cadernos do IFAN, Bragança Paulista: Edusf, n. 15. 1996.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo: Séculos XII-XX*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário Cristão*. Bauru: EDUSC, 2000.

SOARES, R. R. *Espiritismo: a magia do engano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graça, 1984.

SWAIN, Tania Navarro(org.) *História no Plural*. In: IDEM. *Você disse imaginário?* Brasília: UnB, 1993, p. 43-67.

